

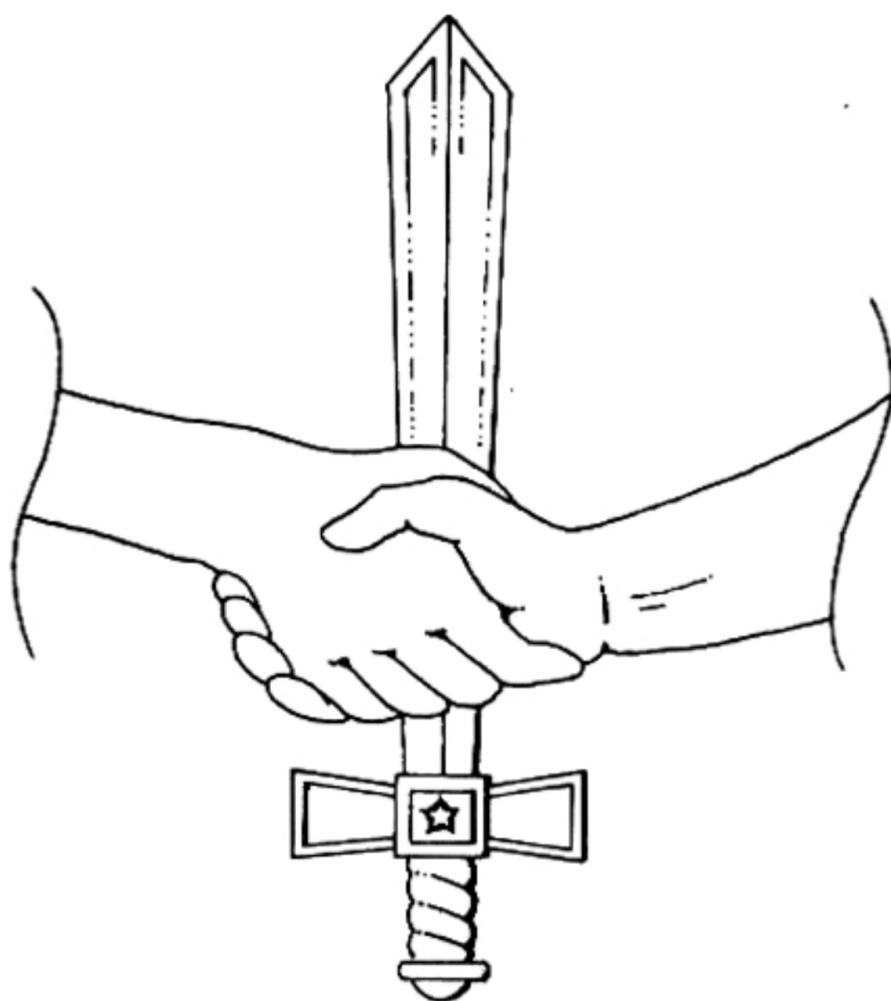
ÉTICA MILITAR

“mutatis mutandis”

MAJ AV ELTON VIEIRA BOZZA

É dinâmica a ética militar? Até que ponto este conceito influencia a capacidade de combate de uma Força? Estas, sem dúvida, são algumas das perguntas que devemos fazer periodicamente. Este questionamento deve atingir todos os níveis da hierarquia militar e objetiva, não só melhorar aspectos da Força, mas, situar a ética militar dentro dos padrões morais vigentes. Aqui, e agora, através deste artigo, pretendemos levantar tais questionamentos, não com o objetivo de esgotar o assunto, mas, principalmente, como estímulo à reflexão e ao pensamento inovador, relativos ao caminho ético do militar no futuro.

O homem é um ser social. Quase todas as teorias afirmam que temos uma necessidade íntima, inata, intrínseca à nossa natureza, de viver em sociedade. Os desejos de auto-realização e de estima, desenvolvidos por Maslow (1) para satisfação das necessidades do homem, exigem a existência de uma sociedade. Mas, historicamente, têm surgido conflitos entre as pessoas e entre os grupos, fazendo nascer, como uma necessidade de sobrevivência do sistema, regras que possibilitem a coexistência pacífica. Ao conjunto dessas regras que permitem a vida em grupo chamamos de Moral.



A Moral passa a ser uma necessidade; são regras segundo as quais a sociedade busca o bem comum, onde os indivíduos têm que ceder em benefício da coletividade, para que haja harmonia. E, para manter a harmonia entre os indivíduos, surge a ação do Estado. E para manter a harmonia entre os Estados? A História nos tem ensinado quão difícil é esta tarefa. As guerras e os litígios, ainda que a sociedade queira esquecer, são uma constante na vida do ser humano. Então, numa redução simplista, porém eficiente, podemos dizer que, como fator ponderador entre as sociedades, surgiu o poder militar. As “Forças Armadas” podem ser empregadas para a realização de necessidades ou desejos de uma sociedade ou,

também, como a maioria dos pensadores militares aceitam, como instrumento de equilíbrio, possibilitando a coexistência pacífica entre os povos, cujo objetivo final continua sendo o bem comum.

Os integrantes das Forças Armadas, como indivíduos, devem estar perfeitamente sintonizados com a Moral vigente em seu Estado, onde temos valores como a pátria, coesão da família, não-violência, entre outros. Porém, o militar tem, também, outra Moral: a de relação entre Estados, da qual é instrumento, onde o emprego da violência e outros atributos parecem conflitantes com a Moral da sociedade. Deste aparente conflito surge a importância da Moral Militar.

O conceito de Moral é muito próximo ao conceito de Ética, que estuda os princípios que devem governar a ação humana, princípios esses que têm por objetivo a formação e a manutenção do equilíbrio social, ou seja, preservação da vontade "mater" do homem - viver em grupo. Assim, a Ética é mais complexa que a Moral, pois esta é a regulamentação do comportamento dos indivíduos e das sociedades, baseado nos costumes estabelecidos pelos homens, enquanto aquela é uma reflexão axiológica (2) dos princípios nos quais a Moral deve fundamentar-se. Ao analisarmos a Ética Militar, estamos indo às raízes do assunto, buscando os princípios que justificam a Moral Militar.

A análise da Ética Militar não pode estar dissociada da palavra profissão, pois o militar profissional é uma realidade desde há muitos anos; então, temos a Ética Militar Profissional que exprime certos paradoxos e é também influenciada pela sociedade civil, se não vejamos:

- O militar profissional é um funcionário do Estado, cuja missão é defendê-lo ou estar sempre pronto a defendê-lo, estando, em consequência, sujeito às regras e à moral do Estado a que pertence. A sociedade não deve temê-lo como a "criatura que engolirá o seu criador". O militar brasileiro é um membro

desta sociedade. Mas, além disto, ele tem que ter uma ética própria para cumprir a sua função, pois é o único a poder empregar a violência legalmente.

O militar trabalha para um monopólio de profissão, pelo menos o militar patriota. Um médico pode trocar de hospital, um administrador, mudar de empresa, um engenheiro civil mudar de construtora, mas o militar não... não pode mudar, deixar as Forças Armadas, sem deixar de ser militar:

A profissão militar é uma vocação especial, que exige habilidade específica promulgada por especialistas, muitas vezes auto-didatas, de dentro da profissão. A vocação obedece a um código de ética.

A sua função de guardião do Estado exige valores mais evidenciados do que os do cidadão civil; o amor à pátria deve ser inquestionável bem como a sua vontade de lutar para manter os indivíduos e a sociedade a que pertence:

"... a guerra é, antes de tudo, um combate interior; é na alma de cada soldado que a batalha é ganha ou perdida." (A. Bessiéres)

Também por ser um homem do combate, onde os limites da vida e da morte se confundem, onde a dependência do companheiro é vital, a honra, a lealdade e a coragem são valores tão incorporados à Ética Militar que são estendidos aos inimigos nos campos de batalha, chegando às raias do cavalheirismo, como o cumprimento entre os pilotos da 1ª Guerra Mundial antes de iniciar o combate, ou a manutenção do "posto" do prisioneiro de guerra, entre outras.

Mas, sem dúvida, o sentimento do dever transcende aos outros; dever é uma palavra de sentido abrangente: qual é o dever do mili-

tar? Este é, sem dúvida, um assunto amplo e, assim como a Moral se modifica com os costumes, com o passar do tempo, o dever militar se transforma e, em consequência, a Ética Militar também. As Constituições dos Estados limitam o dever do militar de acordo com a Ética vigente na sociedade. Este é um assunto para reflexão.

A geração militar do ano 2000 vem crescendo dentro de uma realidade muito distinta de anos anteriores. Somos envolvidos pela grande festa da comunicação; a cobertura dos fatos acontecidos em qualquer parte do mundo é instantânea, através dos satélites. Graças às comunicações e à eletrônica, hoje sabe-se muito mais e com maior rapidez o que se passa no mundo. A capacidade dos meios de comunicação não pode ser subestimada. Da mesma forma, a ausência de guerras clássicas tem deteriorado os valores militares convencionais: heroísmo, patriotismo, dever. As guerras de baixa intensidade, ou como também são chamadas "as guerras sujas", não têm contribuído efetivamente para a avaliação da Ética Militar.

O Recente conflito do Vietnam é um exemplo clássico das mudanças citadas no parágrafo acima. Os filmes documentários, os trabalhos jornalísticos etc... não têm valorizado, salvo raros casos, a figura do herói militar, como por exemplo, uma tripulação que arrisca sua vida ao atravessar a área de influência da aviação de caça inimiga, resistir à artilharia antiaérea, atingir o alvo e regressar à sua Base em condições marginais; ao contrário, busca-se valorizar a vítima, o fraco, ou seja, é realçado o aspecto de desumanidade e agonia do combate a tal ponto que o objetivo fundamental da guerra é negligenciado e mal compreendido, influenciando a sociedade e mudando a Ética Militar. O Brigadeiro Ralph, da Força Aérea americana, em seu livro "Educating The American Military Officer", é bem incisivo ao comentar sobre este tema: A televisão tem evitado essa ênfase sobre o aspecto heroico. O po-

der de criar imagens está na câmera e o drama moderno focaliza o sofrimento, não o aspecto heroico. Essa dicotomia intensifica o dilema do militar ao ter que combater".

O mesmo Vietnam ensinou a importância da Ética Militar, mostrando que os soldados devem lutar por objetivos bem definidos. Uma das soluções para aumentar a eficiência dos soldados americanos, que tinham alta rotatividade nos pelotões, foi desenvolver o espírito de camaradagem e amizade, fazendo o homem permanecer mais tempo na mesma Unidade, aumentando a integração, a lealdade e por extensão a vontade de lutar; é o espírito de corpo.

A tecnologia do ano 2000, sem dúvida, tomará o combate mais frio e mais distante; as figuras da guerra de posições, de trincheiras, do corpo-a-corpo pertencem definitivamente ao passado; a geração do ano 2000 fará a guerra das máquinas, da distância e do constante questionamento. É este questionamento que revela o valor ético-militar.

Qual é o papel do militar nas Forças Armadas? Qual o limite do seu profissionalismo?... O impulso central do militar é servir à sua sociedade, dentro dos padrões morais vigentes. A sua profissão deve focalizar a destruição das propriedades, da vida e dos símbolos de sociedades externas, os mesmos símbolos tão caros à sociedade que ele serve. Por isso será lícito a sociedade temer o seu militar? A resposta a essa indagação exige muita reflexão sobre a profissão militar, mas uma questão é crucial: a Ética Militar está mudando com a mesma rapidez que a Moral e a Ética da sociedade têm mudado. "Mutatis Mutandis."

(1) Hierarquia das necessidades que influenciam o comportamento humano formuladas por Maslow em 1943.

(2) Axiologia: estudo ou teorias de alguma espécie de valor, particularmente os valores morais.